



Apresentação

Acompanho os acontecimentos relativos à sexualidade desde 1966, ano da minha graduação na faculdade de Medicina. É difícil imaginar outro período de tempo assim curto no qual tenham ocorrido tantas mudanças na forma de agir de populações inteiras. Assisti ao início da comercialização das pílulas anticoncepcionais e aos movimentos libertários que, no ano de 1968, atingiram diversos pontos do planeta e influenciaram a forma de viver de toda uma geração de jovens. Muitos deles, antes mais bem-comportados, aderiram ao consumo de drogas como a maconha e a cocaína; mais recentemente, cresceu enormemente o consumo de álcool por parte dos moços e principalmente das moças. Não desconsidero os fatos capazes de gerar desdobramentos mais positivos que também têm acontecido. É o caso, por exemplo, do número cada vez maior de moças que se aprofundam intelectualmente com o objetivo de se tornar profissionais independentes. Considero um fato positivo a troca descompromissada de carícias – o “ficar” – entre rapazes e moças da mesma classe social e da mesma faixa etária. Também aprecio as mudanças na iniciação sexual de tantos rapazes que agora preferem se manter castos até o

primeiro namoro, condição na qual as moças também costumam perder a virgindade sem culpa ou vergonha.

Acho apenas que é preciso separar o que vem se mostrando construtivo do que tem trazido desdobramentos ruins. Acompanhei as primeiras ações relacionadas com a chamada libertação sexual, especialmente a feminina. As mulheres ganharam plena liberdade para exibir o corpo, o que provocava o fascínio de tantos homens e a ira de alguns deles. Acreditávamos que a maior liberdade para as atividades eróticas traria mais paz e amor – e menos guerras – para a sociedade. Isso não aconteceu.

Mais recentemente, tenho assistido à revolução nos costumes eróticos – e até românticos – introduzidos pelo aumento da importância do universo virtual: o crescimento da indústria pornográfica, o fascínio dos rapazes pelos estímulos visuais de todo tipo, tão ao gosto deles, a tendência de muitos deles à indolência e ao desinteresse pelos estudos e pelas próprias moças “reais”. Percebo até que ponto a vida sexual dos casais tem sido influenciada pelo que assistem nos filmes eróticos. Não vejo isso com bons olhos. Por outro lado, é fácil perceber que a masturbação vem ganhando uma “dignidade” que antes lhe era negada, e talvez isso possa gerar reflexões interessantes.

O mais triste para aqueles que, como eu, apostaram nas ideias que vigoraram nos últimos anos da década de 1960, e também na seguinte (tão bem fundamentadas por autores de respeito, como H. Marcuse e W. Reich, entre outros), é verificar que todos esses acontecimentos só têm contribuído para uma maior insatisfação de grandes seg-

mentos de nossa sociedade. Estamos cada vez mais deprimidos, infelizes, competitivos, materialistas e consumistas. Não sei se podemos atribuir a tristeza que nos assola apenas ao que vem ocorrendo no plano da sexualidade. Porém, tudo indica que a premissa de que a emancipação sexual criaria condições para que fôssemos mais felizes, mais amigos e solidários, mais competentes para amar, não se mostrou verdadeira na prática.

Ideias que não se confirmam quando aplicadas à realidade deveriam ser abandonadas, mas não é isso que costuma acontecer. Aliás, é incrível como todas essas alterações não vieram acompanhadas de mudanças efetivas na forma como a maioria de nós – incluem-se aí os profissionais de psicologia – pensa. A prática é outra e a teoria continua a ser a mesma!

Até hoje, a maior parte das pessoas não consegue, por exemplo, separar o sexo do amor e reconhecer que eles são impulsos distintos. Aprendemos que fazem parte do mesmo instinto e essa crença se perpetua quando os fatos a negam, inclusive nas mentes intelectualmente preparadas. São poucos os espíritos “porosos” capazes de abandonar antigas concepções, conviver com dúvidas e gerar novas ideias que sejam mais adequadas para explicar os fatos. Se já é difícil afastar o sexo do amor, mais difícil ainda parece ser aproximá-lo da agressividade; a dificuldade persiste mesmo – quando se está diante de evidências flagrantes, tanto de caráter biológico (no mundo primitivo, os machos mais violentos certamente tiveram mais competência para copular as fêmeas) como

culturais (a presença, em tantas línguas, dos palavrões, termos eróticos para designar máxima violência verbal).

Sou daqueles que acreditam que o conhecimento precisa estar a serviço da melhora da qualidade de vida, da felicidade individual e de avanços na delicadeza e no prazer que possamos extrair das relações interpessoais em geral e das mais íntimas em particular. Belas teorias que não sejam capazes de dar conta desses objetivos deveriam ser abandonadas e substituídas por outras que nos ajudem a avançar na direção de um saber capaz de contribuir para o nosso bem-estar.

Essa é a razão deste livro, que traz de volta o tema das minhas primeiras reflexões. Considero essencial essa retomada, uma vez que os desdobramentos das convicções que tínhamos são extremamente negativos. A suposta libertação sexual acabou por intensificar tudo aquilo que pretendia combater. É como se tivéssemos enveredado por um caminho que está nos conduzindo para o abismo. Precisamos ter a humildade e a sabedoria de reconhecer que convém começarmos tudo de novo, a partir do zero. É essa a razão do título tão abrangente – sexo. Essa é a minha pretensão.

Sei das dificuldades que todos enfrentamos quando deparamos com pontos de vista muito diferentes daquele que costumamos defender. Sei quanto é difícil mudar nossos paradigmas e que é grande a nossa propensão a gostar de ler exatamente aquilo que corresponde aos nossos pontos de vista. Apesar disso, espero que você, caro leitor, tenha paciência de me acompanhar nessas

reflexões que, segundo penso, podem proporcionar uma nova forma de encarar a questão sexual. Apesar de tantas publicações, acho que ainda falta muito para que possamos considerar o sexo um tema bem equacionado. Meu propósito é contribuir para isso com uma nova perspectiva. O assunto é espinhoso e difícil, mas tentei escrever o que penso de forma clara e direta.

1 um

Meu objetivo desta vez é começar tudo de novo. Acredito que as reflexões acerca da questão sexual tomaram rumos equivocados e por isso mesmo têm desembocado em becos sem saída. Assuntos bem resolvidos costumam sair de pauta, indo para segundo plano. Nossa alma se ocupa essencialmente do que vai mal. Quando estamos doentes, pensamos prioritariamente nas dores que sentimos e nos meios de recuperarmos a saúde. Seu retorno é saudado com grande alegria, nos provoca enorme prazer (prazer chamado de negativo por corresponder ao fim de uma dor) e logo em seguida volta a ser assunto menos relevante. A doença é tema muito importante em nossa subjetividade, enquanto a saúde não o é.

O sexo tem propriedades especiais em decorrência de ser um prazer positivo, ou seja, não necessita de um desconforto preliminar para se manifestar. Podemos estar em repouso e, de repente, ser despertados pela agradável sensação de excitação. Porém, não é só por essa via que o tema nos ocupa. **Ele é motivo de enormes preocupações, ou seja, temos dúvidas a respeito da nossa competência, de sermos ou não capazes de**

agradar eventuais parceiros, de estarmos à altura dos padrões que a sociedade cultua acerca de nossa aparência física, da frequência das relações, das dimensões dos órgãos sexuais etc.

As preocupações vão muito além das anteriormente registradas. Sempre queremos saber se estamos desfrutando adequadamente desse que é tido, hoje em dia, como o grande prazer da vida, se “os outros” estão se saindo melhor do que nós em suas abordagens e conquistas eróticas, qual a importância de termos experiências múltiplas com parceiros variados, se devemos ou não nos masturbar com a frequência que o fazemos, se os prazeres que sentimos no toque de determinadas zonas do corpo são “normais” ou indicação de alguma tara, se devemos tentar realizar nossas fantasias relacionadas às práticas sexuais grupais, e assim por diante.

Conheço pouquíssimas pessoas satisfeitas com sua vida sexual, com a sensação de que não estão perdendo nada ao viver como vivem. Sim, porque os anseios da grande maioria das pessoas costumam ir além das possibilidades reais: nem todas as circunstâncias que determinam o surgimento do desejo propiciam condições para sua realização. Aliás, são poucas as pessoas satisfeitas com o que têm em todos os quesitos muito valorizados pela cultura contemporânea. Quase todas se queixam de sua aparência física, da condição social e financeira, do ritmo de trabalho – ou da falta dele –, do fato de estarem envelhecendo e terem de conviver tanto com os sinais externos corres-

pondentes, como com as crescentes limitações alimentares, alcoólicas, entre outras.

Estamos numa época em que cresce o número de adultos com características infantis relacionadas com a baixa tolerância a frustrações, contrariedades e limitações. Eu diria que a maior dificuldade é a de lidar com limitações, com o fato de não termos nascido com todas as virtudes. Mais do que nunca penso numa frase de Bertrand Russell, cuja referência perdi, que dizia que a única coisa de que as pessoas não reclamavam era da falta de bom-senso – o qual ele considerava a propriedade mais escassa.

O sexo também enveredou por todos os meandros dessas rotas que passaram a avaliar quantitativamente nossas ações e a satisfação que sentimos. Quase todos têm a impressão de que os outros usufruem mais desse prazer que eles, sim, estão satisfeitos com suas práticas eróticas. Isso porque temos forte tendência a não gostar de nos sentir por baixo, de modo que amplificamos nossas eventuais conquistas. Sabemos que estamos mentindo, mas os “outros” creem que estamos mesmo muito mais bem colocados do que eles. Isso era prática usual na adolescência, mas agora parece ter se estendido para todas as idades. Nessa busca da eterna mocidade, na qual parece ser proibido envelhecer, andamos para trás cada vez mais e estamos nos tornando adultos com propriedades infantojuvenis!

Para mim está clara a necessidade urgente de retomar do zero as reflexões acerca da sexualidade e de

aprimorar a maneira como pensamos a vida e a condição humana. Isso porque os resultados da forma atual de refletir têm produzido consequências muito negativas, aumentando a cada dia o número de pessoas deprimidas e infelizes, frustradas, mesmo quando vivem em condições privilegiadas. Isso porque vivemos num mundo de comparações no qual quase todos olham para os que têm mais e se entristecem com o que lhes falta – em vez de alegrar-se com o que têm. Não existem copos “meio cheios”, todos estão “meio vazios”.

Não desconsidero as correlações entre o que acontece com nossa sexualidade e o que vivemos no contexto social como um todo. Sei o peso da vaidade, esse importante ingrediente do instinto sexual, sobre os anseios de destaque que todos temos. Observei o que aconteceu ao longo das últimas décadas: aumento do exibicionismo – especialmente o feminino – e acirramento da disputa entre os homens, das mulheres entre si e de todos pela conquista de mais e mais dinheiro, fama e poder. Não acho tudo isso uma coincidência, uma casualidade.

Vou tentar, aos poucos, reescrever aquilo que tem sido um dos objetos prioritários das minhas observações e reflexões desde 1967.

